

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**A educação para a morte: possibilidades de
intervenção no contexto escolar**

Naraiane Lopes de Moura

Campinas-SP

2021

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**A educação para a morte: possibilidades de
intervenção no contexto escolar**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de
Educação da UNICAMP, como
exigência parcial para a obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia,
sob a orientação da **Prof. Dr. Camila
Alves Fior.**

Campinas-SP

2021

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

M865e Moura, Naraiane Lopes de, 1999-
A educação para a morte : possibilidades de intervenção no contexto escolar /
Naraiane Lopes de Moura. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Camila Alves Fior.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Morte. 2. Crianças. 3. Psicologia. 4. Educação. I. Fior, Camila Alves, 1978-.
II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Área de concentração: Pedagogia

Titulação: Licenciada em Pedagogia

Data de entrega do trabalho definitivo: 25-01-2021

Agradecimentos

Quero agradecer primeiramente a Deus por me permitir a grande felicidade de passar no vestibular da UNICAMP, condição inicial para o desenvolvimento e a conclusão da minha graduação.

Quero agradecer aos meus pais por sempre me ajudarem, por estarem ao meu lado em todos os momentos e por estarem sempre me levando e trazendo para Campinas. Quero agradecer ao meu irmão pelo maravilhoso fato de existir em minha vida, e por ser meu companheiro e apoiador em tudo.

Sou grata às minhas maravilhosas amigas que a vida me deu. As quais com toda a certeza foram o melhor presente da minha vida. Quero agradecê-las pela paciência, cuidado e amor para comigo. Muito obrigada por sempre estarem ao meu lado e por terem se tornado parte da família a qual carrego no meu coração.

Sou imensamente grata a minha maravilhosa orientadora professora Dr. Camila Alves Fior pela imensa paciência, atenção, cuidado e apoio para comigo. Com certeza foi a melhor orientadora que a vida poderia me dar.

Meu muito obrigado a todos que de alguma forma fazem e ou fizeram parte da minha vida e participaram do processo de formação da pessoa que sou hoje.

“A morte pertence à vida, como pertence o nascimento. O caminhar tanto está em levantar o pé como em pousá-lo ao chão” (Pássaros Errantes- Rabindranath Tagore)

Resumo

Esta pesquisa teve como ponto de partida a análise e a compreensão da vivência e da história da morte no Ocidente, e por meio desta trajetória foi possível entender que, no contexto atual, há um afastamento do tema da morte, em busca de uma tentativa de evitá-la ou negar o sofrimento associado à mesma. E se, em outros momentos históricos, as crianças participavam de todos os rituais vinculados à morte, atualmente há uma falsa crença de proteção à criança que acarreta no afastamento da mesma diante do tema da morte, contribuindo para a criação de um tabu sobre a finitude e que traz implicações para a saúde mental das crianças. O objetivo deste trabalho foi analisar possibilidades de intervenções no contexto escolar diante do tema educação para a morte. Fundamentou-se em uma investigação qualitativa realizada por meio de pesquisas bibliográficas embasadas na literatura disponível em língua portuguesa, com destaque para teses, dissertações e artigos científicos. Da literatura identificou-se a necessidade de estabelecer uma educação para a morte em crianças, com ênfase no trabalho coletivo que ocorre no cotidiano escolar. Acrescenta-se a necessidade de se pensar na formação do docente e no diálogo interdisciplinar, incluindo o contato com profissionais da psicologia e o trabalho com literatura infanto-juvenil, a fim de ilustrar possibilidades de intervenção no contexto escolar que favoreçam uma maior sensibilidade com o tema da educação para a morte.

Sumário

Introdução	8
A morte no Ocidente: um olhar histórico	12
O luto diante da morte	22
A morte e o luto na infância	25
A educação para a morte: contribuições para intervenções no contexto escolar	33
Considerações finais	46
Referências	49

Introdução

Como estudante do curso de graduação em Pedagogia e com um ardente desejo e sonho de trabalhar como pedagoga hospitalar, me sensibilizei com a importância do diálogo com o tema da morte a fim de compreender tal fenômeno e as implicações na vida de jovens e crianças, principalmente em situações de hospitalização. Com isso, almejo criar condições para o oferecimento de suporte e implementação de uma prática pedagógica que leve em consideração a realidade vivida pelos aprendizes em condições de adoecimentos físicos ou diante de perdas e da morte. Soma-se o fato de o ser humano estar, a todo momento, suscetível à vivência de perdas, falecimento de outros seres humanos ou de animais de estimação e na prática profissional de pedagogos hospitalares a vivência do falecimento de seus estudantes possivelmente se faz presente. Além do que, no próprio ensino regular, a morte permeia o cotidiano de crianças e jovens, o que impulsiona a instituição educativa a planejar intervenções específicas para lidar com o tema.

Diante da importância desse assunto, no decorrer da minha formação inicial, durante os períodos de estágios aos quais desenvolvi e nos momentos nos quais estive presente no ambiente escolar, como estudante de Pedagogia, não presenciei o diálogo acerca deste tema, o que despertou a necessidade de mudar esta situação, sendo que a nossa sociedade precisa de uma maior abertura e diálogo acerca de alguns temas considerados tabus, como a morte. Acredito que as escolas são ótimos lugares para a abertura ao tema da morte, oportunizando aos indivíduos um bom desenvolvimento, uma boa saúde mental, além de lhes possibilitar o cultivo maior da empatia diante das situações de perda.

Partindo de minhas vivências pessoais, do cotidiano com familiares e amigos, vejo quão necessário se faz que desmitifiquemos a morte e a coloquemos em roda de diálogo. As pessoas ainda não aceitam que como seres dotados de vida passamos pelo processo da morte e, diante desse tema, acaba-se gerando uma tensão muito grande que acarretam dificuldades em abordar esse tema que podem, inclusive, trazer implicações no processo de aprendizado de crianças em decorrência de situações de perdas.

Como indivíduos dotados de vida, mesmo que tentemos ao máximo nos afastar da morte e suas esferas, temos em nossa história a presença e a vivência da finitude. E o impacto decorrente de tais vivências estão intimamente vinculados às nossas histórias pessoais e sociais. Logo, se colocarmos atenção para a maneira a qual a sociedade atual enxerga a morte, podemos entender que em muitos casos a vivência da perda será difícil para muitos indivíduos, já que a atual sociedade tenta se afastar da morte ou busca privatizar ou negar o processo de luto. Acrescenta-se uma constante pressão para que a vivência da morte e do luto ocorra de maneira ligeira, já que vivemos em uma sociedade que se estrutura ao redor do capital, e que não permite sofrimento prolongado decorrente de perdas ou do luto. Isso porque há a hegemonia de uma concepção que exige das pessoas a volta rápida à normalidade, ao seu trabalho ou estudo e a uma produtividade essencial para que a estrutura capitalista continue a funcionar. Com isso, nega-se a morte, o luto e o sofrimento.

Nesta sociedade que compreende a morte como um tabu e a entende como tenebrosa, há limites e restrições para o processo de luto e o sofrimento, o que pode trazer implicações e sofrimento para todos os indivíduos. Merece destaque a importância do olhar para as crianças, indivíduos que são afastados deste tema, de

uma maneira a evitar que sofram, mas que podem acarretar implicações para o desenvolvimento, já que as crianças desde pequenas passam pelos processos de perda. E estabelecer um diálogo sobre o tema com as crianças e acolhê-las nas situações de perda é fundamental para o enfrentamento dessa etapa e para, inclusive, auxiliar na minimização do medo e das tensões vinculadas às perdas.

Como as instituições escolares são o ambiente no qual as crianças passam grande parte de suas vidas e vivenciam parte de sua socialização, se faz necessário que o ensino seja pensado com objetivos que potencializam o desenvolvimento humano em sua integralidade. Logo, assuntos como a morte, gênero e sexualidade, cultura do machismo, racismo estrutural entre outros assuntos devem ser tratados nestas instituições permitindo assim aos estudantes um lugar de pleno desenvolvimento e acolhimento.

Diante disso, o objetivo desse trabalho é analisar possibilidades de intervenção no contexto escolar diante do tema da morte, tendo como objetivo específico selecionar e descrever obras da literatura infanto-juvenil que tematizam a “morte”. Para tanto, no aspecto metodológico, baseou-se em uma investigação qualitativa realizada por meio de pesquisas bibliográficas as quais embasaram-se na literatura disponível em língua portuguesa, com destaque para teses, dissertações e artigos científicos.

Este trabalho estrutura-se em cinco capítulos. Inicialmente, apresentamos um breve histórico sobre a morte e sua vivência ao passar dos anos no Ocidente no qual demonstramos como o distanciamento do homem para com a morte foi se desenvolvendo e os motivos para este distanciamento. Em seguida, apresentamos as questões ligadas ao luto em decorrência da morte no qual explanamos acerca das

fases as quais podem ser vivenciadas pelos indivíduos quando defrontados com o processo de perda, e os aspectos destas vivências resultados do atual modelo de sociedade na qual vivemos, com ênfase no individualismo. Também há considerações sobre a questão da morte e do luto na infância, com destaque para o papel do desenvolvimento cognitivo das crianças na compreensão do tema da morte e do luto, com ênfase na necessidade de um diálogo aberto e sincero com as crianças sobre o tema da morte, a fim de viabilizar um bom desenvolvimento das crianças. Devido a esta necessidade de trabalhar com o tema da morte com as crianças redigimos também um capítulo no qual deixamos evidente a necessidade e os pontos positivos para que esta educação se efetive e elencamos a escola como sendo um dos ambientes aos quais deve desenvolver o diálogo acerca do tema da morte. Para isso, apresentamos princípios norteadores para o efetivo trabalho deste tema dentro das instituições escolares baseados em experiências de docentes e psicólogos. Todos estes capítulos nos levaram a conclusão da importância de colocarmos o tema da morte em diálogo em todos os âmbitos de nossa sociedade para que possamos desenvolver mais estudos acerca do assunto possibilitando assim que nossa sociedade possa mudar a maneira a qual nos relacionamos com a finitude e que viabilize assim aos indivíduos uma maior compreensão e uma vivência mais saudável do processo de luta e perda.

A morte no Ocidente: um olhar histórico

No aspecto biológico, todo ser dotado de vida tem um mesmo fim, representado pela palavra morte. Esse termo origina-se do latim *mors* e refere-se ao “óbito ou falecimento; cessação completa da vida, da existência” de todo o ser vivo, embora esta possa ocorrer de maneira diferente e em momentos distintos para cada uma das pessoas (DICIO, 2020). Embora todos saibamos que em algum momento presenciaremos o fenômeno morte, este tema é compreendido de maneira distinta ao longo da história e ainda continua sendo um tabu, principalmente nas Sociedades Ocidentais. A fim de auxiliar no entendimento do tema da morte, na sequência, desse texto há uma retomada sobre a compreensão histórica desse fenômeno.

O ser humano, como um ser vivo, passa por fases em sua vida, tais como o nascimento, o crescimento e a morte, apesar de o período de tempo do nascimento até a morte variar entre as pessoas. Embora o ser humano seja dotado de incertezas com relação a seu futuro, diferentemente dos animais, há a convicção da finitude, tal como disse Giacoia Júnior (2005, p.13) “o homem é o único animal metafísico [...] exatamente porque sua única certeza é a de estar destinado a morrer”. Em outras palavras, o ser humano é o único ser vivente que tem consciência do ciclo da vida: do nascimento à morte, compreendendo desta maneira que a qualquer momento após o nascimento um indivíduo pode vir a falecer. No decorrer da história dos seres vivos, inclusive do homem, a morte sempre se fez presente independentemente de tempo e espaço como um fenômeno natural, entendendo que “é natural apenas no sentido de que é universal, inevitável” (TORRES, GUEDES, TORRES, 1983, p.2). Isso porque a história humana é dotada de mudanças, e não diferentemente, o entendimento e a vivência com relação ao falecimento também se modificam. Com base na leitura do livro “História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias”, de Philippe

Ariès (2012) e de outros documentos que tenham como tema a morte, iremos trilhar alguns caminhos e registrar aqui tais levantamentos.

Atualmente, quando o óbito ocorre, é criado um sentimento de comoção decorrente da empatia de se colocar no lugar do indivíduo que vivencia a finitude da vida, de um ser que estava presente em sua própria história de vida. Mas nos enganamos em pensar que o sentimento sobre a morte é algo que naturalmente existia nos homens ao longo das épocas, como concluiu Ariès (2012, p. 19). Inicialmente, o autor levantou como hipótese que o sentimento com relação à morte era algo antigo, mas as suas investigações possibilitaram concluir que a comoção diante da morte é um fenômeno recente.

A fim de ilustrar o percurso pelo qual chegou a tal conclusão, o autor analisa os rituais presentes no momento da morte. Estamos acostumados em nossa sociedade com os procedimentos que geralmente ocorrem com os corpos de pessoas após suas mortes. Nas cidades, há construções a quais chamamos de velórios e cemitérios que são lugares destinados a receber, seja por horas ou anos, os corpos dos falecidos. Nos dias de hoje, a morte é vivida com certos “rituais”, sendo eles o processo de luto e respeito no qual amigos, familiares e conhecidos se reúnem, como maneira de consideração, no velório ao qual o cadáver foi levado, após receber todos os procedimentos necessários. Os corpos são vestidos, colocados dentro de caixões e cobertos por flores, já que deverão ficar expostos para aqueles que irão passar no velório, ritual ao qual o corpo será designado para uma “última” despedida para os que ainda estão vivos. Chamamos este período, no qual o corpo fica nesta construção e recebe a visita de várias pessoas com duração normalmente de horas de guardamento, que após ser encerrado, dá lugar a prática que chamamos de enterro.

Nesta prática, o caixão no qual estava o corpo do falecido é fechado e encaminhado ao lugar denominado cemitério. Lá os responsáveis pelo cuidado do local levam o caixão em um determinado local já estabelecido e assim todos que acompanhavam estes rituais voltam a suas casas.

Os cemitérios e os velórios são popularmente conhecidos e, em decorrência disto, muitas vezes, quando inicialmente pensamos na morte, emerge a representação destes ambientes, lugar no qual corpos diversos de mortos passam por horas ou são colocados por anos. Nas atuais configurações dos cemitérios podemos conhecer as pessoas as quais estão enterradas em cada lugar, em consequência das identificações presentes nas construções em que são enterrados os corpos ou no chão, no exato lugar no qual foram enterrados os corpos. Dentro de um cemitério pode-se observar desde placas de identificações mais simples a deslumbrantes construções em torno da área a qual determinada pessoa foi enterrada. Em alguns casos estas estruturas são tão suntuosas que podem ser avistadas fora dos cemitérios, e isto nos leva a pensar o quão presentes estão, em nossa sociedade, as desigualdades sociais, reafirmadas até mesmo dentro de um ambiente no qual estão enterrados corpos já sem vida e com um mesmo destino, a decomposição.

Estas situações e lugares descritos anteriormente nos são tão comuns que erroneamente podemos imaginar que são compartilhados ao longo da vida humana.

Mas esse pensamento é equivocado, como explana Áries (2012, p.21):

Uma rápida investigação levou-me a descobrir a antiga prática funerária, tão diferente da nossa: a exiguidade e o anonimato das sepulturas, o amontoamento dos corpos, o reemprego das fossas, o acúmulo dos ossos nos ossários--- signos que interpretei como marcas de indiferença em relação aos corpos.

As considerações de Áries possibilitam compreender que, historicamente, o entendimento e os rituais vinculados à morte são distintos e um recorte dessa história será descrito a seguir. Ariés (2012) descreve que após o século XVIII, a indiferença para com os mortos é mudada e foi criado um sentimento de devoção. A morte, segundo os registros encontrados, era algo que o homem pressentia no momento que aconteceria, demonstrando como se soubessem quando havia chegado o fim de suas vidas. Por meio desta certeza que tinham, aqueles que estavam prestes a morrer anunciavam a sua ida às demais pessoas, tal como verbalizam seu fim. Sendo assim, a morte era algo que não os aterrorizava, porém quando sentiam que esta estava perto, apenas a deixavam acontecer.

Por volta do século XVII, inicia-se a prática de rituais e hábitos diante da morte. Sendo estas o pedido de misericórdia, o ato da oração, na qual se esquece da vida cotidiana e se passa a pensar em Deus. Logo após ser realizada esta última prece resta apenas a espera pela morte. No século XX, os padres assumem a participação diante da morte, já que estes são responsáveis pelas absolvições sacramentais e unções. Percebe-se então que devido esta sensibilidade dos indivíduos pela morte fazia com que estes que estavam findando a vida fossem os responsáveis pelo aviso e pelas cerimônias em torno do falecimento. Os indivíduos aguardam sua morte em seus leitos, lugar este no qual se realizariam os rituais. Não distintivamente os quartos dos moribundos eram um lugar público no qual se tinha passagem livre, ou seja, as cerimônias eram realizadas dentro do espaço privado da casa dos falecidos, mais especificamente em seus leitos, já que entendiam a morte como algo mais próximo (ARIÉS, 2012).

Este cenário veio se modificando conforme o passar dos anos devido ao afastamento do ser humano da morte e do envelhecimento. Cria-se, desta maneira, um cenário com dimensão mais pública. Em decorrência disto, nos dias atuais, as cerimônias realizadas com os mortos ocorrem em sua maioria nos velórios, lugares estes públicos que podem ser acessados/visitados por qualquer pessoa, independente da classe social e da relação com o morto, sendo também este lugar aberto àqueles que nem mesmo conheciam o falecido. Mas que distanciam a morte e os seus rituais de um ambiente mais íntimo ao indivíduo.

Assim, ao contrário dos costumes da contemporaneidade, nos quais vemos o tema da morte e a infância como assuntos que devem ficar separados, nos antigos costumes, as crianças estavam presentes também nos quartos dos moribundos, tal como afirmou Ariès (2012, p. 39) “levavam-se as crianças --- não há representação de um quarto de moribundo até o século XVIII sem algumas crianças.” Talvez esta mudança tenha ocorrido em decorrência da alteração da carga sentimental e da compreensão sobre a finitude da vida. Isso porque o que antes era algo aceito e feito com simplicidade sem sentimentos intensos, no presente é carregado de emoções fortes sendo algo amedrontador (ARIÈS ,2012).

Mas ressalta-se que o entendimento e a vivência com relação à morte foram lentamente se modificando a partir dos séculos XI e XII, em um momento histórico denominado por Idade Média. Foram por meio destas modificações brandas que originou-se, ao decorrer do tempo, o entendimento e a vivência de maneira dramática e sofrida da morte. Como já destacado, nos séculos XI e XII, a sociedade da época vivenciava a morte de tal maneira já que aceitavam o ciclo da natureza, no qual a morte do homem era uma etapa a se passar. E, em consequência, com o

entendimento de que todos os homens passariam por esta etapa, os indivíduos não projetavam evitá-la, nem engrandecê-la, apenas a acolhiam (ARIÈS, 2012).

A partir de alguns fenômenos a ideia de aceitação do destino comum a toda a espécie humana irá introduzir na sociedade a preocupação com identidade/individualidade de cada ser. Alguns dos fenômenos responsáveis por estas mudanças, como dito por Ariès (2012), são listados a seguir. O primeiro deles refere-se ao entendimento do Juízo Final. A partir do século XII as pessoas começam a acreditar que a variante com relação ao destino final do morto (céu ou inferno) não é apenas o enterro deste dentro das igrejas, mas sim resultado do julgamento para com as atitudes que este teve durante sua vida. Outra mudança refere-se ao desempenhar de ações durante os rituais a serem seguidos no quarto do moribundo. A partir do século XV, começam a ser vivenciados de maneira efetiva apenas por este, sendo então, os demais, só figurantes. Já que se compreende que o destino de cada um pertence a uma esfera pessoal, na qual apenas o moribundo e as divindades podem descobrir. O surgimento do amedrontamento com o falecimento corpóreo e suas consequências biológicas nos séculos XV e XVI, também pode ser constatado por meio de análise das poesias comuns destes séculos, que retratavam este medo. Um terceiro motivo associado às transformações nas concepções de morte relaciona-se ao ressurgimento, a partir do século XVII, das inscrições funerárias ausentes durante aproximadamente 900 anos. Este ressurgimento ocorre de maneira tímida, inicialmente nos túmulos de pessoas consideradas mais “importantes”. As inscrições serviam de identificação das sepulturas para que assim os falecidos não fossem esquecidos. Estas podiam ser placas que continham informações tais como o nome do falecido, a data de sua morte, a função a qual este tinha. Estas placas acabaram por ser o material mais utilizado de construções funerárias até o século XVIII.

Ao fim do século XV, as representações acerca da morte vão tomando uma esfera erótica. E do século XVI ao XVIII, na literatura e nas artes, o falecimento é associado ao amor. A partir desta esfera, a morte tal como o ato sexual é considerada um delito que arranca o homem de todos os aspectos que fazem parte da vida. Logo, a morte é considerada uma ruptura. Uma nova compreensão da morte a partir deste momento ocorre, concebendo-a não mais como um objeto desejável, mas encantadora, devido ao seu sentido romântico. (ARIÈS, 2012). Com isso, muitas tradições tais como a cerimônia que acontece em torno do leito rodeado por parentes e amigos persistem, mas diferente de como antes eram vivenciadas, quando eram esperadas.

Já no século XIX, um novo modo de vivência para este momento é implantado, sendo constituído de uma agitação decorrente de emoções, tal como o choro, e o que era vivenciado anteriormente como algo comum, natural, passa a ser vivido com uma presença marcante de sentimentos diante da separação dos falecidos. Há uma não aceitação com o distanciamento material que ocorre com o falecimento e, com isso, o singelo pensamento da morte agora é motivo de comoção. A possível explicação para esta enxurrada de afeiçoamento pela morte pode ser explicada, como dito por Ariès (2012, p. 70)

[...] pela religião, a religião emotiva do catolicismo romântico e do pietismo, do metodismo protestante. [...] Evidentemente, a religião não é estranha ao caso, mas o fascínio mórbido da morte exprime, sob uma forma religiosa, a sublimação das fantasias erótico-macabras do período precedente. Esta é a grande mudança que surge no fim do século XVIII e que se tornou um dos traços do Romantismo: a complacência para com a ideia da morte.

Do final da Idade Média até o século XVIII o luto então possuía duas esferas, a primeira, a incumbência de incitar a família do falecido a demonstrar pelo menos durante algum período uma dor que geralmente não passava. E a segunda era a

defesa do sobrevivente contra os excessos do sofrimento, já que se estabelecia um determinado modelo de vida social, no qual a dor podia ser espremida dentro de um limite fixo estabelecido pelas convivências, nas visitas de amigos, parentes e vizinhos. Este limite é desrespeitado no século XIX, sendo então o luto vivenciado com uma suntuosidade além do habitual. Aparentando até mesmo não ser mais a expressão de sentimentos obrigatórios impostos pela sociedade, mas sim, a manifestação natural/verdadeira, inigualável de uma intensa dor, que pode ser reconhecida tal como nos rostos, nos choros, nos desmaios e nos jejuns (ARIÈS, 2012).

Como relatado por Ariès (2012, p. 33), historicamente, as pessoas vivenciavam com muita proximidade a morte, sendo os indivíduos até mesmo avisados “por signos naturais ou, ainda, com maior frequência, por uma convicção íntima, mais do que por uma premonição sobrenatural ou mágica” de suas próprias mortes, logo protagonizadas em sua maioria em seus leitos. Sendo a morte um fenômeno que as pessoas não evitavam, fugiam, apenas a aceitavam e a vivenciavam, sem postergá-la ou adiantá-la. Este aspecto se modifica e o modo ao qual vivemos e convivemos com a morte também. Uma parcela do motivo desta mudança se dá com relação ao contínuo avanço da ciência e da tecnologia já que possibilitou ao homem o domínio em diversos níveis da morte (KÜBLER-ROSS, 1996), deslocando também o ambiente da morte do leito do moribundo para as instituições hospitalares, as quais são responsáveis, muitas vezes, pelo prolongamento da vida dos indivíduos, além de possuir em suas mãos o poder do adiamento da morte (KOVÁCS, 2014).

A partir do século XIX, em decorrência das mudanças e avanços científicos e tecnológicos, o morrer e a morte vêm sendo progressivamente retirados da esfera pública, já que o ritmo da vida vai se tornando cada vez mais rápido, submetendo os

indivíduos cada vez mais a uma esfera privada, os afastando uns dos outros, gradativamente. Com isto, a expressão e a demonstração de sentimentos vão se tornando mais reservadas. Embora ainda existam as expressões de dor do luto durante os processos a serem vivenciados após a morte no cortejo, velório e enterro, estes vão se tornando momentos cada vez mais rápidos, já que o homem faz o distanciamento da morte de si próprio (KOURY, 2014).

Como dito, em todos os âmbitos de nossas vidas, tal como na esfera da morte, é perceptível os reflexos dos avanços tecnológicos e científicos. Aos nossos olhos normalmente só enxergamos os benefícios destes avanços na nossa vida, mas se pararmos para dar atenção aos acontecimentos que ocorrem dentro dos hospitais, nos levam a perceber a desumanização a qual pacientes, principalmente aqueles em estados mais graves, estão vivendo em decorrência, também, dos avanços científicos. Os pacientes perdem o poder sobre si próprios, não sendo, em muitos momentos, ouvidos e sim manipulados conforme a vontade/decisão de outros (KÜBLER-ROSS, 1996). E, com isso, são alteradas também as vivências com relação à morte.

Os indivíduos, diferentemente do relatado por Ariès (2012), no século XXI vivenciam a morte em uma esfera de perda de poder, isto é, muitas vezes estes pacientes são privados até mesmo de saber a gravidade de suas enfermidades e a possibilidade de sua morte estar próxima, já que estes quando diagnosticados são prontamente internados e submetidos a cuidados e tratamentos sem muitas vezes serem questionados ou informados de seu real estado. A certeza que o homem tinha com relação ao seu próprio fim encerra-se com os desenvolvimentos científicos e tecnológicos, já que afastam os seres de seus próprios processos de morte tal como

disse KOVÁCS (2014, p.95) “[...] houve desapropriação da morte na era moderna, [...] numa flagrante perda de autonomia e consciência [...].”

Os pacientes, infelizmente, são tratados como seres os quais devem ser salvos da tenebrosa morte que é entendida como um grande rival do ser humano. Com isso, inicia-se uma guerra contra este rival e, nesta batalha, familiares e equipe hospitalar, responsáveis pelo cuidado para com o enfermo com o único desejo de cura e/ou prolongamento da vida, acabam se esquecendo que aquele ao qual estão tentando “salvar” não é um objeto e sim um indivíduo com direitos, desejos, opiniões e que sempre deve ser ouvido. Kovács (2014, p. 95) sintetiza isto muito bem quando escreve “[...] conversar, ouvir sentimentos e emoções não são prioridades ante a batalha com a morte”.

As consequências desta desumanização para com os pacientes como exposto em publicações, tal como disse Kübler-Ross (1996, p. 21) tem feito com que os enfermos estejam “sofrendo mais, talvez não fisicamente, mas emocionalmente. Suas necessidades não mudaram através dos séculos, mudou apenas nossa aptidão em satisfazê-las”. Já que com o objetivo de prolongar a vida os indivíduos são submetidos a internações, aparelhos e tratamentos e as possíveis consequências destas medidas são o isolamento, o abandono e/ou sua sensação fazendo com que os pacientes se sintam solitários, tornando assim o fim de suas vidas um momento prolongado e triste.

Por meio da leitura do livro *Sobre a Morte e o Morrer* de Elisabeth Kübler-Ross e do texto *A caminho da morte com dignidade no século XXI* de Maria Julia Kovács desperta o sentimento de “descoberta”. Já que, por meio dessas produções, pode-se perceber a mudança no tratamento da morte e do enfermo que, como relatado

anteriormente, é privado de sua humanidade e acaba sendo tratado como objeto ao qual a todo custo profissionais e familiares querem salvar da tragédia da morte. O livro de Kübler-Ross (1996) explicita as mudanças que foram impostas aos indivíduos no que se refere à morte. Com o desenvolvimento científico e da medicina e na busca por prolongar a vida, os indivíduos acabam privados de manifestar e/ou realizar seus desejos, além de serem impedidos, muitas vezes, de saber o que lhes tem acontecido em seus próprios corpos.

Na atual sociedade na qual a morte é um tabu, algumas medidas apenas reforçam o distanciamento/medo dos seres para com ela. E, com isso, trazem implicações sobre o processo de luto vivido diante da morte, sendo que esse tema será melhor desenvolvido a seguir.

O luto diante da morte

Diante da morte, os seres humanos vivenciam um processo de luto, o qual também se manifesta nos contextos de perdas ou de mudanças que podem ser esperadas ou não. Como exemplo, citam-se lutos nos contextos de morte, separações conjugais, aposentadorias ou adoecimentos. Da literatura específica que busca compreender o processo de luto, destaca-se a obra de Kübler-Ross (1996), denominada *Sobre a morte ou o morrer*. Nesse livro a autora descreve cinco estágios aos quais os pacientes terminais passam após o conhecimento do diagnóstico de suas enfermidades e que também se observam diante de distintas perdas e da morte.

As fases identificadas pela autora são: a negação/isolamento, a raiva, a barganha, a depressão e a aceitação, estas fases são geralmente acompanhadas da esperança para se reverter a situação. O tempo de duração dos estágios ou fases do luto varia entre os seres humanos, podendo ser um estágio substituído pelo outro,

tendo também a possibilidade de algum estágio ocorrer consecutivamente, ou seja, simultaneamente. Analisando isto vimos o motivo positivo e necessário da conversa da morte na nossa sociedade e da compreensão do processo de luto, inclusive para o professor que pode, no seu cotidiano de trabalho, deparar-se com tal situação e precisar oferecer suporte às crianças e adolescentes em processo de luto.

Ainda com relação ao luto, a modernidade levou ao homem a crença na ciência e, com isso, a uma descrença/desmistificação, por parte de uma maioria, em relação a alguns assuntos, tal como a morte. Ou seja, antes a morte era rodeada de aspectos místicos religiosos, no qual os padres ou os próprios moribundos eram incumbidos de realizarem/viverem rituais entre e na passagem da vida para a morte. Estas experiências das quais os indivíduos participavam modificaram-se com a modernização, já que os indivíduos em grande parcela perdem a dimensão espiritual e aceitam a concepção biológica sobre o tema da morte.

No século XX, o que era antes vivenciado na esfera da religiosidade é usurpado para as mãos de médicos. Logo o processo de morrer que antes era vivenciado publicamente vai tomando uma esfera mais privada na qual apenas os pacientes/moribundos participam em seu completo. O que trouxe, como consequência, um maior distanciamento dos indivíduos da morte (MENDES, 2010).

Isso traz implicações para a vivência do luto que vem se tornando cada vez mais restrito ao pessoal. Ou seja, na contemporaneidade, os indivíduos vivenciam uma aceleração do ritmo de vida, com novas concepções sobre felicidade, condutas a serem seguidas em sociedade e que buscam afastar a ideia da morte. O valor tido como central na sociedade pós-industrial é o individualismo e, com este, há separação

do pessoal do social (MENDES, 2010). Fatores estes que acabaram por desenvolver na sociedade moderna uma profunda necrofobia. (MENDES, 2010).

Logo, atualmente, o luto é incorporado à esfera pessoal, devendo assim ser vivido particularmente e não devendo poluir a vida social. Exemplificando, como disse Koury (2002, p. 79)

O estranhamento da demonstração da dor e do sofrimento em público, desta maneira, parece vir se consolidando como tendência de universalização de uma nova sensibilidade no trato das emoções, particularmente do luto, no Brasil atual. A exposição pública do sofrimento vem se realizando, assim, tecida por uma condenação velada do sofrer em público.

Os indivíduos em decorrência da esfera da individualização a qual estão inseridos perderam a naturalidade de como se portar perante a situação de enlutado e/ou como ser que busca demonstrar as condolências a outro indivíduo. Com isto, vivem desconfortos com a aproximação com tais temas e podem, inclusive, apresentar dificuldades em abordar esse assunto com as crianças (KOURY, 2002). Todos estes fatores no Brasil demonstram, como disse Koury (2002, p.84) “[...], a ambiguidade e a dificuldade da vivência do trabalho de luto na sociedade brasileira atual.”

A individualização no processo de luto pode nos levar a entender que o luto perdeu toda a sua esfera ritualística e, com isto, até mesmo pode se entender que há a inexistência do luto. Mas como explanado por Mendes (2010, p.10) “[...] a invisibilidade social do luto não significa a inexistência do luto”. O entendimento e os sentimentos de perda muito dolorosos do outro ao qual se era próximo contribuiu também para a individualização do luto e para a privatização das cerimônias fúnebres. Sendo os indivíduos livres para viverem o luto da melhor maneira a qual lhes convém, resultando assim na liberdade da vivência do luto na esfera privada. As consequências desta privatização do luto podem ser o desamparo e a solidão ao(s) enlutado(s), sendo

os indivíduos forçados a viverem seus sofrimentos solitários e com um curto tempo de duração (MENDES, 2010).

Outro fator que contribuiu para a privatização aos aspectos da morte se dá em decorrência da comercialização a qual esta foi inserida. Os procedimentos que antes eram realizados em comunidade, tais como o preparo para com o defunto e as cerimônias, passam no século XX a serem decisões do encargo dos familiares mais próximos, que logo começam utilizar o mercado funerário para a realização de tais procedimentos. Tal conjuntura de fatores que amplia o sofrimento diante das situações de morte e de luto, torna ímpar que seja planejado o suporte para os familiares e conhecidos, também considerados os sobreviventes. Nas situações nas quais os sobreviventes são crianças e adolescentes, a escola é uma das instituições nas quais passam grande parte da sua vivência. Com isso, acredita-se que na formação inicial ou no desenvolvimento profissional do professor é ímpar que se tenha uma discussão sobre a temática da morte, a fim de que a escola possa se constituir em um lugar de acolhimento e suporte aos jovens e crianças que vivenciarem as situações de perda.

Por sua vez, para a compreensão da morte e vivência do luto, devem ser levadas em consideração as questões culturais e históricas, como anteriormente apresentadas, mas também as questões cognitivas e vinculadas ao desenvolvimento infantil. Tal conhecimento é fundante para que a instituição consiga proporcionar acolhimento aos jovens diante das situações de perda. A partir de tais considerações o entendimento da morte e o processo de luto na infância merecerão destaque.

A morte e o luto na infância

É de nosso conhecimento que na sociedade atual há um distanciamento do tema da morte. Contudo, alguns estudiosos reconhecem a importância da

aproximação e da discussão acerca deste assunto e pesquisam e publicam conteúdos em sua grande maioria centralizados em pessoas que se defrontam com a morte, tal como os doentes terminais e/ou aqueles que passam o processo de luto sendo, em maioria, adultos. Como educadores devemos reconhecer a necessidade e a importância da abordagem deste tema com as crianças e, para isto, precisamos detalhar como a criança, tendo por referência o seu desenvolvimento cognitivo, compreende a morte e o luto.

A falta de comunicação ou o simples ato do silêncio diante da morte para a criança poderão ser responsáveis por implicações para o desenvolvimento da mesma. Ou seja, como há décadas já foi mencionado por Torres (1979, p.10) que “tentativas de protegê-la contra a morte em nada a ajudam; ao contrário, quando se tenta defendê-la, seu crescimento é prejudicado”. Muitos adultos creem que ao não se mencionar ou ao distanciar o termo morte e seus entornos das crianças estarão protegendo estas, deixando-as assim afastadas da realidade da morte, e é neste ponto que cometem um grande equívoco já que “[...] a força da consciência da morte é ativa em todos os níveis de idade” (TORRES, 1979, p.10), sendo impossível o afastamento das crianças da realidade da morte. Sendo assim, mesmo com o conhecimento de que a morte possui uma esfera triste e dolorosa, estas informações devem ser informadas às crianças, logo “[...] deve-lhe ser dito que a pessoa morta nunca mais voltará e que seu corpo foi cremado ou enterrado no solo” (SARTORI, 2018, p. 33). Já que também as crianças observam e reproduzem algumas ações dos adultos devemos ter a atenção que estas poderão a vir reproduzir este distanciamento para com a morte, deixando este tema sempre no ciclo vicioso de distanciamento para com o homem resultando assim em sofrimento e desgastes emocionais aos indivíduos, sendo que “a criança aprende com o adulto a lidar com perdas. Se este

não está acessível e oculta sentimentos, a criança registrará essa forma de enfrentar a situação. Observa-se, então, a solidão dos envolvidos, cada um com seu sofrimento” (KOVÁCS, 2010, p.153, apud MAEDA, 2017, p.49).

Como destaca Torres (1979, p. 32) “[...] a criança, desde uma etapa muito precoce, já tem representação da morte [...]”, afirmação esta que mais uma vez reforça a necessidade de se abordar o tema morte com as crianças. Assim, permite-se que estas expressem suas concepções e ideias acerca deste assunto possibilitando, com isto, a tentativa de que estas sejam respondidas, solucionando desta forma as dúvidas/curiosidades das crianças ao invés de lhes deixarem a mercê de medos fabulosos e não nítidos agindo em suas imaginações.

Em casos de crianças que presenciam a perda de um familiar, o entendimento acerca da morte pode surgir a partir da explicação de um adulto, o qual, em algumas situações, manipulam as informações com a errônea crença de proteger as crianças. Assim, são descritas estórias com enredos de que os mortos foram para o céu ou foram dormir ou viajar. Explicações estas que permitem às crianças entenderem que o defunto pode voltar a qualquer momento de onde está ou do seu estado físico, podendo também implantar nelas alguns medos, tal como o de dormir (SARTORI, 2018).

As percepções emocionais e comportamentos das crianças com a morte são diferentes das vivenciadas por adultos (PEDRO *et al.*, 2011). Sendo estas vivências distintas também de criança para criança em decorrência de muitos fatores sendo alguns destes a idade, a cultura, o seu estágio de desenvolvimento cognitivo e a sua personalidade. Assim, o período de desenvolvimento cognitivo da criança tem grande

importância para que esta alcance uma mudança no entendimento da morte (TORRES, 1979).

Segundo Torres (1979), por meio de testes foram identificados três níveis de compreensão, como sendo representativos acerca do pensamento das crianças sobre a morte e que correspondem a diferentes períodos de desenvolvimento cognitivo. A seguir, cada um desses níveis será descrito.

Há um estágio inicial no qual as crianças não conseguem distinguir entre seres inanimados e animados. Elas conseguem identificar os seres mortos e os não mortos, contudo não conseguem compreender que alguns seres não morrem já que não possuem vida. Neste momento, os indivíduos também não conseguem fazer separação entre vida e morte, compreendendo a existência de vida mesmo na morte, além de não estabelecerem a morte como fato decisivo e irreversível. Em termos do desenvolvimento cognitivo podemos encontrar tais características presentes nas crianças no estágio pré-operatório, tendo por referência a teoria Piagetiana (TORRES, 1979).

No segundo estágio, identifica-se que as crianças já são capazes de fazer uma distinção maior entre seres animados e inanimados, possuindo ainda a incapacidade de atribuir explanação lógico-categoriais da causalidade aos eventos. As crianças compreendem e fazem separação entre vida e morte, identificam a ausência da vida na morte e entendem assim a imobilidade no morto. Nesta fase, a morte já é enxergada como definitiva. Estas são características típicas de crianças presentes no subperíodo das operações concretas, concebidos por Jean Piaget.

O terceiro e último nível é preenchido por crianças que já possuem compreensão e capacidades de distinguir de maneira global seres animados e inanimados. Entendem que todos os seres animados passam pela morte, sendo capazes também de dar explicações biologicamente fundamentais e lógico-categorias da causalidade. Sendo neste nível o início da compreensão pelas crianças do processo natural ao qual os seres vivos passam, que é a morte, compreendem que esta faz parte das etapas ao qual um ser vivo precisa passar. Mesmo com estes entendimentos neste momento as crianças ainda possuem um alto nível de abstração. Estas são características presentes geralmente em crianças que se encontram no período das operações formais.

Tal desenvolvimento cognitivo e que acompanha o entendimento da morte, citado anteriormente, fundamenta-se na perspectiva de Jean Piaget, que buscou entender como ocorre a construção do conhecimento para a criança. Ou seja, com o foco no desenvolvimento cognitivo, tal perspectiva teórica busca explicar como se constrói a inteligência para a criança. Piaget deixa claro em seus estudos que a inteligência da criança vai desenvolvendo-se conforme a sua interação com o meio físico e social, dependendo também de sua maturação biológica. Conforme dito, a inteligência das crianças não é algo fixo, ou seja, que já nasce pronto e é inato, mas sim, vai se desenvolvendo. Sabe-se então, que conforme interação e idade da criança seu desenvolvimento ocorre de maneiras distintas com relação a aspectos identificados por Piaget e que foram classificados em fases ou estágios que são: sensório-motor (0 a 2 anos de idade), pré-operatório (2 a 7/8 anos de idade), operatório-concreto (8 a 11 anos de idade) e a operatório-formal (11 a 14 anos de idade) (MANTOVANI, 2013).

Como já apresentado neste texto e tendo por referência as considerações de Torres que identificou três níveis de entendimento da compreensão da morte no pensamento das crianças, a partir de seu desenvolvimento cognitivo e que dialogam com as fases ou estágios propostos por Jean Piaget (MANTOVANI, 2013). No que se refere ao estágio pré-operatório, que ocorre por volta dos 2 aos 7 anos, caracteriza-se por uma etapa na qual a criança compreende as situações do cotidiano baseadas em sua intuição, ou seja, na sua percepção imediata. Isso significa que a ação das crianças no mundo estará pautada naquilo que ela vive e sua compreensão das aparências, isto é, por meio do que sente, enxerga, ouve, pelo tato, paladar e por seus movimentos. As respostas e as ações podem ser contraditórias já que estas se baseiam na aparência/intuição do momento para solucionar os problemas que enfrentam. Sobre o estágio operatório-concreto, no qual encontram-se as crianças na faixa etária ao redor dos 7 aos 12 anos, há o desenvolvimento do pensamento pautado numa lógica-matemática, com destaque para as aquisições das noções de reversibilidade, das noções de ordem, casualidade, tempo, não pautando mais suas ações na intuição. Com isso, há superação de um pensamento mágico, fantasioso, animista e artificialista, presente na etapa pré-operatória, também considerada pré-lógica. A última etapa proposta por Jean Piaget denomina-se por operatório-formal e pode estar presente nas crianças a partir dos 12 anos. Nessa fase a criança adquire uma lógica pautada no pensamento hipotético-dedutivo.

Analisando o entendimento das crianças sobre a morte, podemos resgatar também os princípios da teoria piagetiana para compreender as três etapas citadas por Maeda (2017). A primeira ocorre até os 5 anos de vida na qual a criança não tem o entendimento da irreversibilidade, logo acredita que muitas coisas são temporárias e dentre elas a morte. A segunda etapa abrange crianças de 5 a 9 anos de vida que

conseguem entender a irreversibilidade, mas possuem o obstáculo da não compreensão da inevitabilidade, ou seja, compreendem a morte como acontecimento irreversível, mas não como inevitável. A terceira etapa na qual está abrangendo crianças depois dos 9 anos de vida se observa uma compreensão acerca da morte por estes indivíduos, já que estes compreendem a irreversibilidade, entendem o acontecimento da morte como fator presente em todos os seres vivos e que com a morte finda o funcionamento do corpo. As crianças passam a compreender melhor a morte e a desenvolver de melhor maneira a perda a partir do momento ao qual desenvolvem a noção de irreversibilidade, ou seja, o entendimento de que todo ser vivo morre e não possui condições de voltar à vida (PEDRO *et al.*, 2011). O entendimento da morte como evento irreversível que acontece a todos os seres vivos e em todo o mundo é adquirido entre os nove e doze anos de idade, momento no qual o indivíduo passa pela transição da infância para a adolescência. (MACHADO, 2006, *apud* PEDRO *et al.* 2011).

Tendo demonstrada a diferença na compreensão da morte pelas crianças, com destaque para os aspectos cognitivos envolvidos no entendimento da finitude, é fundamental para que os adultos compreendam a importância do diálogo acerca da morte para com as crianças e, também, entendam que é importante ao se trabalhar este tema com elas que haja o maior respeito possível para com o nível de capacidade de desenvolvimento cognitivo das crianças. Sendo assim, o tema morte deve ir sendo apresentado gradualmente à criança conforme seu desenvolvimento cognitivo, emocional e intelectual (TORRES,1979). Já que as crianças possuem a capacidade de reagir com realismo à morte e ao luto, demonstrando, com isso, suas condições de passar pelas mudanças inevitáveis do processo de luto quando obtêm informações e

apoio correto/adequado (SARTORI, 2018). Sendo estas afirmações reforçadas com o seguinte trecho escrito por Sartori (2018, p.34):

Em seus estudos, Robert e Erna Furman (1974) mostram que mesmo crianças muito pequenas ficam melhor preparadas para sentir pesar pela morte de um parente próximo ou até mesmo de um genitor, quando devidamente orientadas pelos pais, quanto à morte ser algo natural, que ocorre com todos os seres vivos, tal como a morte de um inseto, ou mesmo, de um animal, sendo normal sentir tristeza e saudade.

Precisamos compreender que a morte na atualidade possui uma esfera muito sentimental e que mesmo que os adultos e as crianças abram o diálogo para este assunto, quando passarem pela perda/luto ainda assim terão momentos nos quais serão mais difíceis e as crianças, em alguns períodos, sentirão tristeza, saudade, raiva, culpa e medo. E o acolhimento daqueles que estão no entorno das crianças permitirá que as mesmas demonstrem e conversem sobre o que sentem e vivenciam. E, para isso, é fundamental que exista alguém que acolha e faça esse suporte, mas para tal, o adulto necessita estar disponível e preparado para ofertar o suporte.

É importante reconhecer ainda que há semelhanças nas vivências do luto por crianças e adolescentes em comparação a vivência de um adulto, principalmente porque essa vivência se insere em contexto sociais e históricos similares (BOWLBY, 2004, *apud* SARTORI, 2018). Porém, há diferenças que devem ser levadas em consideração como, por exemplo, a incompreensão das crianças para com o entendimento da condição de continuar vivendo sem a presença constante de uma figura de afeto; a pouca participação nas decisões iminentes acerca da morte; a possível falta de acolhimento e entendimento pelos adultos que rodeiam a criança com relação a seu sofrimento, saudade e angústia; a possível elaboração falsa ou compreensão errônea do significado dos acontecimentos da morte pela criança, principalmente quando se utilizam figuras de linguagem, tudo isto devido ao repertório

menor da criança de compreensão da vida e suas esferas; a má compreensão por adultos acerca da criança já que esta pode ter dificuldade com lembranças do passado, em alguns momentos se envolverá com outras atividades e menos com seu luto, sendo julgadas por não conseguirem demonstrar claramente suas saudades pelo ente falecido (SARTORI, 2018). Ressalta-se que as dificuldades vividas pelas crianças e adolescentes diante da morte podem trazer reflexos também nas esferas acadêmicas.

Após a explanação da compreensão das crianças sobre o tema da morte por meio do seu desenvolvimento cognitivo, é importante ressaltar que o bem-estar das crianças se constrói conforme o meio ao qual estão inseridas. E, por isso, o diálogo sobre a morte com alguém/instituição de sua confiança é fundamental para a saúde mental da mesma. Considerando que o espaço escolar tem um papel ímpar no desenvolvimento de jovens e das crianças, torna-se relevante refletir sobre como a instituição educativa tem trabalhado com a educação para a morte (MAEDA, 2017).

A educação para a morte: contribuições para intervenções no contexto escolar

A morte é um assunto que a nossa sociedade tenta deixar de lado, tentando se esquivar de abordar esse tema. Contudo, o ano de 2020, em todo o mundo, a morte se tornou um assunto muito presente na vida de todos, já que um inesperado vírus corona surge e logo se espalha por todo o mundo, obrigando as pessoas a modificarem suas vidas cotidianas e a conviverem a cada dia com novas estatísticas referentes ao número de mortos e contaminados pelo coronavírus Covid 19. Talvez esta fatalidade tenha vindo como um despertar para a importância da educação para a morte, já que todos estamos convivendo com as consequências desta pandemia. Sempre se fez necessária uma educação para a morte já que somos seres vivos aos

quais vivem/presenciam em algum momento o falecimento de alguém ou de algum ser vivo. Quando fazemos referência à morte e às crianças, a dificuldade fica ainda maior, em razão da errônea crença de que essas não compreendem a morte e, por isso, alimenta-se o mito de que ao afastá-los desse assunto se proporcionará proteção às mesmas.

A falta de diálogo e/ou a mitificação para com a morte apresentados às crianças podem ter como resultado defasagens nos seus desenvolvimentos. Faz-se necessário um entendimento com relação ao tema morte pelas crianças para que se possa buscar um diálogo eficiente com estes acerca deste assunto. Devemos também nos recordar que as crianças possuem e vão desenvolvendo curiosidades ao longo de seus desenvolvimentos e, muitas vezes, nos indagam sobre coisas que não sabemos como apresentar tal como a morte e, por isso, devemos ser sensíveis e entender que “as próprias palavras da criança permitem que se estabeleça um diálogo e que se formulem questões junto a ela” (KOVÁCS, LIMA, 2011, p.394) sobre o tema da morte. Faz-se necessário também o respeito para com o nível de desenvolvimento da criança, já que este está diretamente relacionado à maneira pela qual a criança compreende o assunto, que vincula-se às experiências e realidade das crianças. E, sem dúvida alguma, a linguagem a qual é utilizada para conversa é de suma importância, já que dependendo da maneira que esta ocorre, resultará em uma boa compreensão para a criança ou a deixará mais confusa. Uma maneira de se iniciar um diálogo sobre a morte com os estudantes é a utilização de literatura infantil, notícias, filmes e desenhos animados. Um lugar de destaque para a prática da educação para a morte são as escolas que devem proporcionar abertura para o diálogo deste tema, tratando-o de maneira sensível e natural (KOVÁCS, LIMA, 2011).

Logo, uma educação para a morte seria uma maneira de prevenir o adoecimento mental e proporcionar um suporte emocional aos indivíduos. Somos indivíduos que vivem em sociedade logo, o objetivo deve ser o bem-estar de todos desta sociedade e uma das maneiras para alcançarmos este objetivo é a educação para a morte, que permitirá um diálogo aberto sobre o assunto, possibilitando aos indivíduos uma abertura e confiança para exporem suas opiniões, sentimentos e desmistificando algumas de suas construções acerca da finitude, já que “a morte, além de afetar o homem individualmente, afeta-o também socialmente” (GUEDES, TORRES, TORRES, 1983, p. 25). As escolas, ao proporcionarem o desenvolvimento de uma educação para a morte, permitirão aos estudantes um preparo para esta experiência que rodeia a vida dos seres vivos viabilizando, também, a compreensão para os estudantes que em nossa vida a morte é algo natural. Como também é natural sentir saudades, medo e frustrações quando vivemos o processo de perda de algo. Tais práticas viabilizarão que estes estudantes sejam indivíduos que respeitem e entendam as perdas que acompanham os seres humanos, mas também, criem condições para que estas pessoas desenvolvam o respeito com o processo de luto dos demais indivíduos com os quais convive/conhece (SARTORI, 2018).

Por sua vez, diariamente, somos bombardeados com as notícias nas mídias sobre acontecimentos e mortes e esse turbilhão de informações podem levar nossas crianças e jovens a concepção da morte como um acontecimento banal, dando a esta uma esfera mais fria e despersonalizada. Não podemos esquecer que este possível entendimento da morte pelos jovens e crianças ocorre na sociedade a qual não se dialoga sobre a morte e suas esferas, complicando mais ainda o modo ao qual os indivíduos veem e vivem a finitude. A escola como instituição na qual as crianças e jovens passam uma boa parte do seu tempo, sendo um lugar de socialização destes,

faz parte do processo de construção de cada indivíduo que frequenta as instituições educativas. Logo, esta deve ser um lugar no qual o diálogo, as inquietações, dúvidas e sentimentos podem e devem ser expressos e conversados. Infelizmente, os cursos de formação para educadores não conseguem preparar os futuros profissionais da educação para o pleno desenvolvimento de suas atividades, sendo a morte um assunto ao qual não se faz presente durante o processo de formação destes. É de suma importância em nossa sociedade que o diálogo a este assunto ocorra para que possamos nos desenvolver e passar pelos momentos da vida de maneira mais saudável.

E uma possibilidade inicial de abertura e discussão deste assunto é por meio dos educadores nas instituições escolares. E, em decorrência disto, se fazem necessários a preocupação e o preparo profissional dos docentes no que tange às esferas do tão temido assunto morte. É de suma importância que as instituições escolares trabalhem todos os assuntos da esfera do ser humano, de maneira clara, desmistificada e sem tabus. Somos indivíduos que vamos nos constituindo e se desenvolvendo em relação ao meio ao qual estamos. Logo, a escola na vida das crianças e jovens é um dos meios responsáveis pelo seu desenvolvimento, já que como disse Sartori (2018, p.45) “[...] família e escola são os grupos indispensáveis à criança para a sua aprendizagem social, desenvolvimento da sua personalidade e de sua consciência”. Sendo assim, esta pode auxiliar na formação de indivíduos saudáveis e não impactados em decorrência da não abertura e explanação acerca da morte e seus entornos. Já que o luto vivido pelas crianças e jovens pode trazer implicações nas esferas acadêmicas, afetando os indivíduos por meio de déficits de concentração, uma menor condição de realização de atividades pedagógicas e uma maior dificuldade para lembrar coisas (GRANJA, COSTA, REBELO, 2012). Sendo

o seguinte trecho um ótimo incentivo para o tratamento do tema da morte no âmbito escolar:

Acreditamos que o papel da escola não é unicamente oferecer conteúdos informativos, não é apenas instruir, mas promover o desenvolvimento do ser humano na complexidade e multidimensionalidade que o caracterizam, mobilizando e não escamoteando o papel dos afetos nas interações humanas (GRANJA, COSTA, REBELO, 2012, p.61).

Sabendo do despreparo na formação docente, Kovács (2005) propõe em seu texto uma parceria entre instituição escolar e o Instituto de Psicologia da USP que possui um laboratório de estudos sobre a morte. Logo, Kovács (2005) sugere que neste laboratório a disciplina Psicologia da Morte seja ofertada aos professores das instituições escolares, além de algumas propostas tal como o oferecimento de treinamento de módulos diversos referentes à morte/luto e os estudantes, a serem oferecidos dentro das próprias instituições. Kovács (2005) propõe um trabalho contínuo entre escola e o laboratório de estudos situado na universidade para que os docentes sejam: auxiliados na preparação de atividades pedagógicas acerca do tema da morte, oferecidas assessorias para os trabalhos de crianças e adolescentes que possam estar vivenciando o processo de luto e perda. Acrescenta-se que o laboratório pode ser um auxiliar disponibilizando bibliografias adequadas para a formação dos docentes referente a este assunto, além de compartilhar e trabalhar com os docentes a preparação para a utilização das mídias visuais (vídeos e filmes) para que estas sejam utilizadas junto aos estudantes no estudo da morte e seus entornos.

Outras propostas descritas por Kovács (2012) são baseadas no diálogo entre estudantes e instituição escolar, ou seja, a abertura de espaços para o diálogo acerca de estudantes que têm vivenciado situações de morte permitindo assim uma abertura para que ocorra o acolhimento e escuta dos alunos, seus pensamentos e sentimentos. Somam-se as propostas de abertura e participação da comunidade do corpo escolar

em processos de rituais referentes à morte e ao pesar dos enlutados da comunidade escolar, a realização de reflexões sobre este assunto e o diálogo sobre as concepções e vivências às quais os estudantes possuem. A autora também explana a possibilidade de realização de algumas propostas pedagógicas acerca da morte em algumas datas mais significativas tal como o dia de Finados, a elaboração de material pedagógico acerca da morte e o encaminhamento de estudantes a profissionais especializados. Sendo visível nas propostas a presença do diálogo e do respeito necessários acerca do trabalho do luto e de estudantes enlutados nas escolas (SILVERMAN, 2000, apud GRANJA, COSTA, REBELO, 2012). As autoras acrescentam que professores devem estar a par de situações de perda de seus estudantes e buscar conhecer todas as informações acerca desta perda, sempre com diálogo aos familiares a fim de estabelecer uma ligação e uma participação nos processos e eventos decorrentes do falecimento, dialogar com os familiares acerca de maneiras de se proporcionar condições para uma boa vivência do luto ao estudante, conversar com os demais estudantes da classe para a busca de um ambiente de apoio e de acolhimento ao enlutado, escutar o que o enlutado tem para dizer com total respeito não querendo lhe apontar o que seria o certo ou o errado e nem querer lhe aconselhar acerca de atitudes e sentimentos, isentando de julgamentos valorativos se os mesmos são adequados ou não.

Soma-se a importância de proporcionar uma escuta, com respeito ao silêncio, buscando compreender que as emoções acerca do luto e, com isso, as expressões destas no enlutado e em sua vida podem estar presentes durante um longo período, propiciar que a escola seja um ambiente ao qual o aluno não se sinta pressionado e queira se distanciar, mas sim, um lugar ao qual ele é respeitado e até mesmo tenha um lugar dentro da instituição escolar que lhe dê a possibilidade de ir a um ambiente

se recolher caso sinta necessidade. Deve-se buscar o diálogo com todos os professores da escola buscando juntos um crescimento e aperfeiçoamento com relação à maneira de conversar sobre o tema da morte em sala de aula e buscando a criação de um material pedagógico auxiliar.

São as instituições escolares espaços nos quais também ocorrem a socialização de crianças e adolescentes que são indivíduos cheios de incertezas, curiosidades e que trazem consigo um bombardeio de informações e concepções devido a era tecnológica a qual vivemos. As instituições escolares devem se aproveitar destes fatos e promover o diálogo, discussão e abertura a estes indivíduos, para que se expressem e que abordem o tema da morte no momento em que desejarem, permitindo à instituição o encaminhamento e o manejo de assuntos vistos muitas vezes como tabus, tais como o tema da morte. É necessário que as escolas abordem temas como estes para que os indivíduos possam se sentir acolhidos nas situações de perda e luto e vivenciem essas situações com maior suporte diante da finitude, tendo a confiança para se expressarem e para viverem seus momentos de tristeza de maneira mais saudável. Para tanto, como já destacado, se faz necessário que o contexto social no qual este está inserido possibilite esse suporte e acolhimento, sendo a escola um dos ambientes sociais ao qual este indivíduo frequenta (MAEDA, 2017). A seguinte frase resume a importância da aplicação de ações para a discussão de temas tal como o da morte em escolas, “uma escola que preocupa-se com a formação de seres humanos, para além de conteúdos teóricos e notas no boletim, pode propiciar aos alunos novas formas de relacionamento com os outros e com suas próprias capacidades e dificuldades” (PASCHOAL, 2016, p. 23-4 *apud* MAEDA, 2017). É necessário também que o trabalho a ser desenvolvido acerca do tema da morte seja pautado no próprio ambiente escolar e sua comunidade.

São evidentes a importância e a necessidade da presença e da discussão do tema morte dentro das instituições escolares e, como já dito, outra maneira de se estabelecer a conversa acerca deste tema é a utilização da Literatura, sendo esta um instrumento capaz de cativar e introduzir discussões tanto com crianças tal como adolescentes e adultos. A literatura, como disse Marques (2011, p.49-50) “[...] possibilita uma comunicação aberta com o estudante e oportuniza o diálogo de uma forma natural”. A literatura é capaz de nos suscitar emoções, pensamentos e até mesmo despertar nosso imaginário, logo esta também “[...] valoriza a autonomia intelectual e social, motivando e desafiando nos alunos a capacidade de transformar e compreender o contexto em que vive e modificá-lo de acordo com a sua necessidade” (CUNHA, 2019, p. 2). Acreditamos que a literatura seja um bom caminho no percurso do desenvolvimento e trabalho com o tema da morte nas escolas e salas de aula. A seguir são descritos alguns livros infanto-juvenis aos quais tratam o assunto morte.

Um livro denomina-se *A preciosa pergunta da pata* (2009) que foi escrito por Lee Van Den Berg publicado pela editora Brinque-Book sendo um livro infanto-juvenil que nos conta a história de uma pata que ao perder um patinho começa a indagar “para onde vamos quando morremos?”. Em uma reunião na qual animais, seres humanos e seres não vivos se encontraram, começaram a falar para onde cada um deles irá após morrer e, com isto a pata chega à conclusão de enxergar a imagem de seu patinho nas estrelas. Este é um livro que auxilia na introdução do assunto morte com os estudantes, já que por meio deste podem ser tratadas as mitificações acerca da morte e a importância do diálogo e da abertura social para que os enlutados se expressem e recebam apoio.

Outra obra *Mas por quê??!* (2008), de Peter Schössow, publicado pela editora Cosac Naify, é um livro infanto-juvenil que fala da história de uma menina que em um parque começa a andar meio desnorreada e solta e que em alguns momentos traz a seguinte indagação: “mas por quê?”. Ao mesmo tempo em que arrasta uma velha mala vermelha, seus amigos vendo a situação a seguem e acabam por indagar o que estaria acontecendo. Logo a menina pega de dentro da mala seu passarinho morto e lhes mostra. Seus amigos, então sensibilizados com a situação, têm a ideia e junto à menina realizam um enterro com direito a rituais próximos aos vividos pelos seres humanos, tal como velas e flores, e com o ritual feito e o apoio ao qual recebeu dos colegas a menina se sente mais aliviada e vai embora do parque em paz. Este é um livro importante para a discussão com os estudantes acerca dos rituais mais característicos aos quais realizamos para com os mortos em nossa atual sociedade permitindo a estes a discussão e a possível compreensão dos acontecimentos em torno da morte. Permitirá aos estudantes a percepção de como o diálogo aberto e o apoio de amigos e conhecidos em momentos de luto podem ser benéficos para os enlutados, favorecendo um processo de luta mais saudável.

O livro *Menina Nina* (2002) de Ziraldo publicado pela editora Melhoramentos é um livro infanto-juvenil que nos conta a história do nascimento da menina Nina e sua trajetória e grande convivência com sua avó até o dia de sua morte e, com isso, os indagamentos da menina para com o ocorrido. O autor traz aos leitores e a Nina dois motivos para o não chorar, sendo que estes são, primeiramente se acreditamos que quando uma pessoa falece tudo acaba, logo a vovó está bem e em paz e poderá por meio dos sonhos da Nina vê-la crescer, e o segundo é que se acreditarmos que após a morte o falecido possa ir ao céu, ao espaço e ou possa virar um anjo então Nina deve ficar em paz porque lá de cima a vovó irá acompanhar o crescimento de Nina.

Este livro ajuda os estudantes a trabalharem a diversidade, o respeito para com as concepções e vivências da morte, já que apresenta um motivo verídico ao qual acontece aos seres vivos e apresenta um motivo mitificado para com o destino do defunto após a morte. E por meio da apresentação destas duas concepções os estudantes podem trabalhar os mitos aos quais cercam a morte e discutir possivelmente a veracidade deste e o respeito para com aqueles que mesmo conhecendo a verdade preferem se apoiar em seus mitos ou tradições religiosas Este livro também possibilita a explanação com os estudantes de que diante uma perda passamos por momentos de saudade, raiva entre outros sentimentos e que está tudo bem os vivê-los já que são coisas normais na vida humana.

Outra produção denominada *Júlia tem uma estrela* (2009) escrita por Eduard José e publicada pela editora Escala Educacional é um livro infanto-juvenil que conta a história de uma menina chamada Júlia que perde a mãe e esconde de todos. Afirma que sua mãe foi trabalhar em uma estrela já que este teria sido um pedido de sua mãe e, em decorrência do novo trabalho da mãe, todas as noites Júlia olha para a estrela na qual sua mãe está. Este material permite ao educador o trabalho para com o tema das mitificações atuais acerca da morte abrindo caminho para a conversa de que estas mistificações muitas vezes atrapalham o desenvolvimento dos indivíduos e também dificultam o processo de luto. Além de permitir a abordagem e explicação da dificuldade de se trabalhar o tema da morte retratada no livro e vivenciado em nossa sociedade, o que gera dificuldades em lidar com o processo de perda.

Outro livro: *O guarda-chuva do Vovô* (2013) de Carolina Moreira publicado pela editora DCL é um livro infantil que nos conta a história das memórias de uma menina sobre suas visitas à casa de seus avós. Em determinada visita que a menina realiza

seu avô está adoecido e em uma cama. Nas demais visitas a menina vai percebendo que seu avô está ficando diferente, até que um dia em determinada visita não encontra mais seu avô no quarto e ao ir embora devido à chuva, sua avó lhe dá um guarda-chuva que pertencia a seu avô. Então, a menina entende que este morreu. Este livro é bom para se dialogar sobre o processo de finitude vivenciado pelos seres vivos, e assim a explanação de que todos nós seres vivos algum dia teremos nossos dias findados, ajudando desta maneira os estudantes a compreenderem e elaborarem o entendimento do processo de finitude, o livro possibilita também a conversa sobre quão benéficas são as memórias e lembranças para aqueles que perdem alguém para a vivência do luto.

A obra *Só um minutinho* (2006) de Yuyi Morales é um livro infanto-juvenil publicado pela editora FTD Educação. Conta a história de um esqueleto que seria a morte que chega a casa de uma avó pois teria chegado o dia de sua partida, mas a avó atarefada pede a morte um minutinho, e vai realizar suas atividades. Como era seu aniversário estava organizando as coisas da festa e sempre pedia a morte um minutinho, no final a avó convida a morte para a festa a deixando assim muito feliz. Por isso, a morte resolve mudar os planos e informa à avó que voltará apenas no próximo ano. Este livro é tipicamente uma representação estereotipada da morte que vem em forma de esqueleto ao seu escolhido, logo acreditamos que este seria um livro para se evitar trabalhar com crianças menores, mas possivelmente com crianças maiores que consigam após a apresentação do livro e discussões acerca da morte entender que a representação feita nele é estereotipada e não realística. Além de que aos pequenos ficará difícil a compreensão de que não se é possível prever e nem adiar o dia do nosso falecimento.

O livro *Quando eu era pequena* (2010) de Adélia Prado publicado pela editora Galerinha é um livro infantil no qual somos apresentados a memórias da autora quando criança. Ela nos apresenta também seus sentimentos naquela época, e em um dos momentos a autora descreve a memória em que houve a morte e o enterro de sua tia. A autora descreve ainda os seus sentimentos na época. Esta é uma obra que exemplifica como possivelmente pode ocorrer a vivência da morte pela criança tal como exemplifica os sentimentos aos quais esta pode dispor durante esta vivência. Logo, permite um despertar e sensibilidade para com a bagagem que os estudantes trazem acerca de suas vivências diante da morte, além de que os estudantes podem se sentir representados no livro acerca da passagem pelo processo da perda, permitindo a estes um reconhecimento e uma maior facilidade para se expressarem acerca do tema da morte.

Outra obra intitulada *O vestido* (2009) de Celso Sisto, publicado pela editora Zit, é um livro infantil que nos conta a história de Ludmila que ao perder a avó presencia a divisão dos bens desta entre os familiares que ficaram. Um dos objetos que é alvo de dúvida para quem ficará é o vestido de noiva de sua avó, o qual traz recordações a Ludmila e a faz querer ficar com o vestido. Este livro em seu enredo deixa evidente a finitude da vida humana e traz ao leitor a apresentação da dificuldade para com o momento de perda, já que todos da família tentam se agarrar a algum objeto objetivando a lembrança daquele que partiu. Com isto, pode-se discutir com os estudantes sobre lembranças e memórias acerca de situações de falecimento de alguém além do diálogo de que o momento de perda não é fácil e a saudade e as lembranças são importantes para com o processo de vivência do luto.

O livro *Contos de morte morrida: narrativas do folclore* (2007) de Ernani Ssó publicado pela editora Companhia das Letrinhas é um livro infanto-juvenil que tem relatado alguns contos de maneira humorada de pessoas que tentaram burlar a morte, sendo ao todo nove contos narrados. Este é mais um livro que apresenta o tema da morte com um enredo cheio de figuras de linguagens, além de ter exposto estereotipadamente já que apresenta a morte fisicamente como um ser com uma roupa e capuz preto e com um cajado/gadanha nas mãos, sendo também os contos marcados por fatos não fidedignos da realidade da morte, tal como que esta possa ser adiada e vista, todos esses fatores devido ao tom humorístico ao qual os contos se desenrolam.

A obra *Esperando mamãe* (2010) de Lee Tae-jun publicado pela editora SM Paradidático é um livro infantil que nos conta a história de um garotinho coreano que está em um ponto de bonde à espera de sua mãe. Bondes chegam e partem, pessoas veem e vão e nada do garoto encontrar sua mãe. Ele indaga aos motoristas onde estaria sua mãe, mas não recebe atenção, logo o garotinho fica impassível ao retorno de sua mãe. Neste livro existe a incerteza da morte da mãe do garotinho e que em certo ponto sugere que após a morte temos a possibilidade de encontrar alguém falecido. Ao fim do livro o leitor não consegue muitas respostas sendo o fim incerto despertando assim por meio de sua leitura mais dúvidas do que realmente respostas. Ao final do livro na última representação se o leitor for bem atento encontrará a ilustração do menino com sua mãe de mãos dadas, mas os questionamentos para com como este fato se deu dependem da compreensão e formulação do leitor. Este é um bom livro para o desenvolvimento do diálogo acerca dos sentimentos que nos rodeiam com relação à perda de alguém, e que nos permite discutir que sentiremos em momentos muitas saudades, um possível vazio ao qual não conseguimos explicar.

Por isso, os estudantes podem discutir a importância de não reprimirmos nossos sentimentos e entendermos que alguns dias eles virão mais fortes e em outros mais tranquilos, e que esta roda gigante de sentimentos é normal. O livro nos apresenta também a ideia de que mesmo em meio a muitas indagações e sentimentos de que nada será capaz de fazer com que a pessoa retorne, logo a necessidade de compreendermos que não adianta esperarmos o retorno da pessoa, mas sim entendermos que ela passou pelo processo de finitude. Este livro também nos abre caminho para a discussão sobre o afastamento e a falta de atenção ao qual proporcionamos a nossas crianças em relação ao acontecimento da morte, já que quando as afastamos e as não respondemos e/ou relatamos por meio de figuras de linguagem ou explicações mitificadas estamos proporcionando às nossas crianças o mesmo cenário ao qual o garotinho viveu, de incertezas, de dúvidas, de espera e de falta de atenção.

As obras anteriormente listadas sintetizam algumas das produções disponíveis em termos da literatura infanto-juvenil e que abordam o tema da morte. Nos materiais localizados, apesar de trazerem um diálogo da finitude, abordando os aspectos afetivos envolvidos na morte e o luto, ainda há produções que se centralizam em associações que podem dificultar a compreensão das crianças sobre tais temas. Assim, é importante ao professor conhecer os recursos disponíveis e realizar uma leitura crítica das propostas de educação para a morte, as quais não se distanciam dos contextos sociais e históricos nos quais estão inseridos.

Considerações Finais

Ao realizar uma busca bibliográfica para a construção deste trabalho de conclusão de curso com a temática de uma educação para a morte em crianças, foram

escassos os referenciais encontrados. Esse fator evidencia a necessidade do trabalho com o tema da morte na atual sociedade, mas também ilustra o afastamento do ser humano sobre esse tema, com implicações, inclusive, na produção científica.

Apesar da pouca literatura, foi possível identificar que o distanciamento das esferas que rodeiam o tema da morte é recorrente na história da humanidade. Constatamos, em um olhar histórico para o tema, as transformações vivenciadas na relação estabelecida com o tema da morte nos últimos séculos. Destacam-se momentos vividos por nossos antepassados que antes experienciaram a morte em uma esfera mais pública e aproximada dos indivíduos ao mesmo tempo que se faziam presentes as crianças nestas vivências. Em contrapartida, em decorrência das alterações às quais nossos antepassados foram experimentando, nos encontramos atualmente em uma sociedade a qual classifica a morte e seus entornos em um assunto tabu. Sendo que há uma constante tentativa de evitar a vivência da morte e do sofrimento decorrente da mesma, e, quando permitida a sua experiência, deve ocorrer de forma privada e solitária.

Diante da certeza da morte e da impossibilidade de ser evitada, o diálogo sobre esta se faz muito necessário. Logo, é necessário que este seja efetivamente implementado, e seja rompido o distanciamento das crianças para com este assunto, para que assim seja possibilitado às mesmas um bom desenvolvimento pessoal, além de contribuirmos para a formação e desenvolvimento de uma sociedade mais saudável e empática com relação à morte e suas esferas.

Na minha vivência pessoal como graduanda de Pedagogia, reconheço a defasagem com a formação dos docentes em nossa sociedade e a dificuldade acerca do diálogo em torno da morte. Com a convicção de que o desenvolvimento desse

tema dentro das instituições educativas é importante, foram descritas possibilidades de construção de um diálogo com o tema da morte no contexto escolar. Destacamos que existem maneiras de se produzirem nas instituições escolares atividades e projetos que englobam o tema da morte em conversa com a comunidade escolar, familiar, estudantil e possivelmente com o apoio dos profissionais da psicologia, para que de maneira produtiva, possa ser elaborado o manejo do tema da morte nas instituições escolares permitindo aos estudantes um pleno desenvolvimento e uma boa vivência para com os momentos de perda. Constituindo, ainda, a escola como um ambiente acolhedor e de escuta diante das perdas, do luto e da morte.

Finalizamos esse trabalho reafirmando a importância de os cursos de formação de professores abordarem tais temáticas, com a sugestão, inclusive, de alterações curriculares que viabilizem os debates necessários. Lançamos também como sugestão novas pesquisas que avaliem o impacto da implementação dos programas de educação para a morte para o desenvolvimento integral das crianças. Sugerimos, ainda, que no âmbito das intervenções, possam ser pensados trabalhos que abordem, junto ao desenvolvimento profissional docente, a temática da morte, a fim de instrumentalizar o docente no acolhimento a tal temática.

Referências

CUNHA, Adriana Vieira da. **A da leitura infantil para o desenvolvimento da criança**. Monografias Brasil Escola. Disponível em: <<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/a-importancia-leitura-infantil-para-desenvolvimento-crianca.htm>>. Acesso em: 20 de dezembro de 2020.

GRANJA, A., Costa, N., & Rebelo, J. E. (2012). O luto em contexto escolar: Vivências na primeira pessoa. **Práxis Educacional**, [S. L.], v. 8, n. 13, p. 57-82,2013.Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/707>. Acesso em: 14 de dezembro de 2020.

GIACOIA JÚNIOR, O. A visão da morte ao longo do tempo. **Medicina (Ribeirão Preto)**, v. 38, n. 1, p. 13-19, 30 mar. 2005.

GUEDES, Gurgel Wanda; TORRES, Costa Ruth da; TORRES, Costa Wilma da. **A Psicologia e a Morte**.1 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas,1983.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. O luto no Brasil no final do século XX. **Cafajeste. CRH** , Salvador, v. 27, n. 72, p. 593-612, dezembro de 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792014000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 de julho de 2020.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Sofrimento íntimo: individualismo e luto no Brasil contemporâneo. **Revista Brasileira da Sociologia da Emoção**, v.1, n.1, pp.77-87, João Pessoa, GREM, abril de 2002.

KOVACS, Maria Julia. Educação para a morte. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, v. 25, n. 3, pág. 484-497, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000300012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 de dezembro de 2020

KOVACS, Maria Julia. Educadores e a morte. **Psicologia Escolar e Educacional**. Maringá, v. 16, n. 1, pág. 71-81, junho de 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572012000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em :17 de dezembro de 2020

KOVACS, Maria Julia. A caminho da morte com dignidade no século XXI. **Revista Bioética**. Brasília , v. 22, n. 1, p. 94-104,abr.2014.Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-80422014000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 julho. 2020.

KUBLER- ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. 7ª Ed. São Paulo: Martins Fontes,1996.

LIMA, Vanessa Rodrigues de; KOVACS, Maria Julia. Morte na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília , v. 31, n. 2, p. 390-405, 2011 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000200014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 junho de 2020.

MAEDA, Tatiane Sayuri. **Cemitério é lugar de criança? a visita guiada ao Cemitério Consolação como recurso para abordar a educação sobre a morte nas escolas**. 2017. 139 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Clínica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

MANTOVANI DE ASSIS, O. Z.; CAMARGO DE ASSIS, Mucio (org.). **PROEPRE: fundamentos teóricos da educação infantil**. 2. ed. Campinas, SP: Book Editora; 2013.

MARQUES, Patrícia Regina Moreira. Bereavement in school: a necessary care. **Luta na escola: um cuidado necessário**. 2012. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2012.

MENDES, Ana Celeste. Rostos da morte na era da técnica. **Alicerces**. 2010;III(3):131-45. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.21/734>>. Acesso em: 13 agosto 2020.

MORTE. In: **DICIO**, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/morte/#:~:text=Significado%20de%20Morte,completa%20da%20vida%2C%20da%20exist%C3%Aancia.&text=%5BFigurado%5D%20Sofrimento%20excessivo%3B%20pesar,foi%20a%20morte%20para%20ele..>>. Acesso em: 17/02/2020.

PEDRO, A., Catarino, A., Ventura, D., Ferreira, F. & Salsinha, H. (2010). **A Vivência da Morte na Criança e o Luto na Infância** (Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa).

PHILIPPE, Ariès. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. [Ed. especial]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

SARTORI, Antonia Aparecida Kroll. **Luto na escola: uma realidade a ser enfrentada**. 2018. 93 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

TORRES, W. C, O conceito de morte na criança. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, 31 (4): 9-34,out./dez. 1979.

ZAMBELI, Sônia Maria Marmitt. **O que a literatura infantil nos revela sobre a morte**. 2014. 52f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Docência na Educação)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.